

ESCREVER, (RE)CRIAR, (RE)DESCOBRIR: RESSIGNIFICAÇÃO TEXTUAL NAS ARTES VISUAIS

DIEGO VICEREKI BRONISZAK¹; ANGELA RAFFIN POHLMANN²

¹ PPGAV - Universidade Federal de Pelotas - diegobroniszak@gmail.com

² PPGAV - Universidade Federal de Pelotas - angelapohlmann@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Este resumo busca apresentar brevemente alguns dos objetivos que fazem parte da construção de minha pesquisa iniciada no mestrado em Artes Visuais (PPGAV/UFPEL), na linha de Ensino da Arte e Educação Estética. Pesquisa essa, que teve como ponto de partida algumas experiências¹ relacionadas às materialidades da escrita e da leitura no amplo contexto da Literatura e das Artes.

Através do contato com diferentes “artefatos textuais”, tanto na Literatura, como também em outros campos, procuro investigar sobre a escrita, a palavra, o “universo dos textos” (FLUSSER, 2010) tentando descobrir uma potência poética e uma possibilidade de “integração dos saberes” (POMBO, 2005) dentro das Artes Visuais. Essa intenção interdisciplinar busca ser experimentada, sobretudo, por meio da prática da ressignificação textual, defendendo então a palavra, o texto, como matéria para a produção poética e construção de sentido. Prática na qual o professor artista pode propor relações entre diversos campos de conhecimento, objetivados em distintos artefatos textuais que venham a tangenciar os interesses dos estudantes. Tal ideia, com o apoio do conceito de “artista intruso” (BOURRIAUD, 2003) procura evidenciar um alargamento, apontando a leitura e escrita como atividades que possam fazer parte do campo das Artes Visuais, e consequentemente, uma prática pertinente ao ensino da Arte.

Com a finalidade de tentar aprofundar as questões envolvidas com o objeto da pesquisa, investigo alguns dos principais discursos sobre a origem da escrita e da imagem encontrados em Vilém Flusser (2010, 2013 e 2015) e Roland Barthes (1988), em diálogo com o conceito de “palavra múltipla” trazido por Joan-Carles Mélich (2001) bem como as contribuições de Duarte Jr. (2000) para abranger a leitura e escrita no fazer artístico como ações intensificadoras da relação com a realidade, na busca por materialidades que possam ser exploradas dentro das Artes Visuais.

2. METODOLOGIA

Para procurar exemplificar o que aqui está sendo proposto, trago o registro de um trabalho² de minha autoria que fez parte da exposição “Desfronteiras”, realizada na Galeria A Sala do Centro de Artes, em 2016.

¹ Experiências realizadas na Universidade de Coimbra, Portugal (2012-2014) durante período de bolsa de graduação-sanduíche (CAPES) e que resultaram em meu Trabalho de Conclusão de Curso em Licenciatura em Artes Visuais (2015).

² “Fragments da biblioteca celestia”, 2016; ressignificação do conto “A biblioteca de Babel” (1972), de Jorge Luis Borges. Exposição dos formandos em Artes Visuais 2016 - UFPel.



Figura 01



Figura 02 (pormenor)

Para a realização desse trabalho, escrevi um pequeno conto de ficção, dividido em seis partes, narrado em primeira pessoa. Nesse conto, busquei explorar o caráter labiríntico encontrado durante a leitura do texto original de Borges, por meio de uma narrativa de caráter enigmático e metafórico, envolvendo a Matemática, e que convidava o leitor/experimentador a buscar diferentes interpretações. O texto, impresso em papel de tonalidade levemente amarelada, procurava também remeter a páginas de livro. O trabalho, além de explorar o texto como corpo, como mancha gráfica, envolvendo outros elementos visuais além do próprio código alfabético, visava propor uma relação entre texto e imagem, e consequentemente, uma possível relação entre Literatura e Artes Visuais, pertinente a essa pesquisa.

Levando em consideração que o estudo encontra-se em perpétua construção, o método cartográfico (DA ESCÓSSIA et al., 2009) surge como importante ferramenta para evidenciar o caráter processual, dando conta de um objeto que pode se modificar constantemente. Assim, frente às novas leituras e descobertas, e reconhecendo que a própria escrita da pesquisa constitui-se também como objeto de investigação, o fazer cartográfico abre total espaço para um estudo menos “rígido”, oferecendo muitos modos de experimentar e objetivar esse campo das Artes Visuais. Para esse estudo, as experiências obtidas através das práticas de ressignificação, somadas às oficinas que pretendem ser realizadas para propor a experimentação do objeto, deverão colaborar com outras formas de dados para a construção da pesquisa. Percorrendo por um campo subjetivo, um campo “frente a afetos que pedem passagens” (ROLNIK, 2007), a cartografia permite descobrir esses lugares incertos, porém fecundos e de muitas possibilidades, onde me desafio buscando constantemente dar forma a esses “afetos”, bem como ao tentar entendê-los.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Em relação ao exemplo apresentado, a ressignificação do conto de Borges, o simples fato de trazer o aspecto da página para a parede de uma galeria me instiga a levantar algumas questões que também se tornaram pertinentes para a pesquisa. Por que esse trabalho encontra-se nesse lugar e não nas páginas de um livro? Não seria um trabalho pertencente à Literatura? O que de fato é a escrita? Quais outras possíveis formas de relacionar essa ação com o campo das Artes? Parecem ser provocações importantes a serem investigadas, pois afinal,

elas pressupõem certas relações entre esses dois campos, necessárias para explorar ainda mais a ideia de ressignificação.

A ressignificação textual se constitui essencialmente pela apropriação, pela renovação, pela infinita possibilidade de reinventar o que já foi dito. É algo muito peculiar às Artes, de um modo geral, pois se relaciona à ideia de releitura, e apoia um sentido (re)criador no fazer artístico, mostrando que todo objeto acaba se reconstruindo sempre. Trata-se de um “desmanchamento de mundos para a construção de outros” (ROLNIK, 2007). É uma (re)descoberta constante. No exemplo apresentado a partir do texto de Borges, perante essa reconstrução, proponho também certa integração ao tentar trazer para o texto essas outras áreas do conhecimento, como no exemplo, a Matemática. A Arte, potencializada pelo seu caráter permeável, tangencia diferentes campos de conhecimento. Essa sua permeabilidade permite o lançar-se no fazer artístico ao intensificar a experiência poética perante o texto, perante a palavra no contínuo processo de (re)leitura e (re)criação.

A palavra humana é uma palavra múltipla, é a palavra que pode ser dita de outro modo, a palavra que acolhe e deseja, que recebe e que dá. A palavra múltipla, a palavra (po)ética, é a palavra que nos ensina que existe no mundo a capacidade de inovar, de inventar, de não ficar preso pelo dito, pelo dado, pelo destino. Em toda vida humana tem lugar uma tensão antropológica fundamental, a tensão entre a contingência e a novidade: a *finitude*. (MÉLICH, 2001, p. 279)

A Arte dá forma a essas tensões e tenta transpassar essa finitude através de uma intensa experiência para com o mundo, e para com suas interpretações, suas representações. Frente a essa liberdade oferecida pela escrita, sobretudo, reconhecendo a “poesia” da palavra, do texto, da leitura, da ficção, surge uma forma de sensibilização a ser experimentada. O professor artista assume aqui também outro papel muito importante, ajudando o estudante a descobrir diversos caminhos e apontando a potência que a escrita e a leitura podem trazer para a nossa relação com o mundo. Essa “consciência” frente ao universo dos textos como substância, como matéria para o fazer artístico, oferece inúmeras possibilidades para esse movimento de integração que pode ser constantemente explorado. Roland Barthes (1988) enfatiza que a literatura, entendida como o conjunto dos textos, em contínua transformação, faz girar os saberes que constroem nossa percepção da realidade.

A literatura assume muitos saberes [...] pois todas as ciências estão presentes no monumento lirético [...] Entretanto, e nisso verdadeiramente enciclopédica, a literatura faz girar os saberes, não fixa, não fetichiza nenhum deles; ela lhes dá um lugar indireto, e esse indireto é precioso. (BARTHES, 1988, p 8-9)

Esse lugar indireto, inexato, incerto, traz consigo a potente face recriadora que o gesto da escrita e leitura parece possuir em latência. Um lugar precioso que o professor artista deve encontrar e “colocar a vista”. Um lugar da ficção, da (re)criação, e que pode ser experimentado através das múltiplas materialidades inerentes as Artes.

4. CONCLUSÕES

A pesquisa, principalmente por estar em uma fase mais inicial, aponta muitos caminhos possíveis, tendo em vista a potência poética que a Arte pode oferecer a partir dessa ideia de (re)criação com diferentes “artefatos textuais”. Nessa trajetória, na busca por evidenciar percursos, descubro um inesgotável percorrer sensível perante a escrita, o texto, a palavra. Percebo-me então em meio a uma vastidão de “consciências transcodificadas” (FLUSSER, 2013) que dizem o mundo, a realidade. Uma sensação constante de estar percorrendo pelo “começo dos começos” (MARQUES, 2006). A sensação da (re)criação e da (re)descoberta.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BARTHES, R. **Aula: Aula inaugural da cadeira de semiologia literária do colégio de França**. Editora Cultrix. São Paulo, 1988.
- BORGES, J. L. **Ficções**. Abril Cultural. São Paulo, 1972.
- BOURRIAUD, N. **O quê é um artista (hoje)?**. In: *Arte/Ensaio*, Revista do programa de pós-graduação em Artes Visuais, EBA. Rio de Janeiro, p. 77-78, 2003.
- DA ESCÓSSIA, L; KASTRUP, V.; PASSOS, E. **Pistas de método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre. Editora Sulina, 2009.
- DUARTE Jr, J. F. **O sentido dos sentidos: a educação (do) sensível**. 2000. 234 páginas. Tese (Doutorado em Educação). UNICAMP. Campinas, 2000.
- FLUSSER, V. **A escrita: Há futuro para a escrita?**. 1ª edição. São Paulo: Annablume, 2010.
- _____. **O mundo codificado**. São Paulo: Cosacnaiy, 2013.
- _____. **Comunicologia: reflexões sobre o futuro**. São Paulo: Martins Fontes, 2015.
- MARQUES, M. O. **Escrever é preciso: o princípio da pesquisa**. Editora Unijuí. Ijuí, 2006.
- MÉLICH, J. C. A palavra múltipla: por uma educação (po)ética. In: LARROSA, J; SKLIAR, Carlos [orgs]. **Habitantes de Babel: políticas e poéticas da diferença**. Tradução de Semíramis Gorini da Veiga. Belo Horizonte: Autêntica, 2001. p. 269-280.
- POMBO, O. **Interdisciplinaridade e integração dos saberes**. Liinc em Revista, Porto Alegre, PUCRS, v.1, n.1, março 2005, p. 3 -15.
- ROLNIK, S. **Cartografia sentimental: transformações contemporâneas do desejo**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2007.